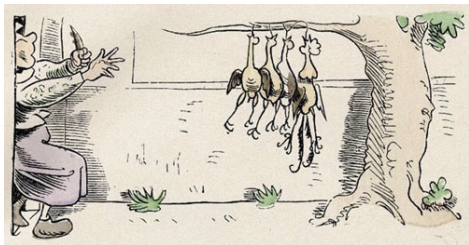


E cada uma das galinhas, depressa,
Na agonia que começa,
Põe um ovo ainda ao vento,
E exala o último alento!



Mas a viúva, que dormia,
Ouve os gritos de agonia:



Que pressentimento! Sai...
Chega ao quintal... E diz: “Ai!”



“Ai! Que amargura! Que espanto!”

Corre dos olhos, meu pranto!
A esperança mais querida,
Mais bela da minha vida,
Eu vejo, como um bugalho,
Pendente daquele galho!”



Aflita, a pobre senhora
Arranca os cabelos, chora...
E, por fim, as cordas corta,
Para que a família morta
Não fique dançando ao vento,
Naquele aborrecimento!



Foi a primeira dos dois...
Houve outra logo depois.

SEGUNDA TRAVESSURA

Custou... mas enfim à alma

Da viúva voltou a calma.

Põe-se a pensar, comovida:

“Não posso mais dar a vida

Aos defuntos que tão cedo

Se foram deste degredo...

Que ao menos possam, assados,

No estômago sepultados,

Descansar de tanta mágoa!”

– E enchem-se-lhe os olhos d’água,

Vendo no fogão, sem penas,

Aquelas aves serenas,

Aqueles entes que, outrora,

Da vida ainda na aurora,

Ciscavam com ar jovial